
Public space. Crisis, memory and identity.

EURAU'12

ABSTRACT. Currently a large part of public space is in crisis, this issue is due to an aggregate of factors such as the lack of territorial planning, the absence of symbols with which people identify themselves and the constant changing of socio-cultural, economic and political values, especially after the emerging of internet who also changed the way how people interact with space. In this context, two questions arise: Can public space, in today's world, functioning yet as central typology to project city and help determine the populations? Does the public space still a key element for the construction of memory, balance and collective identity?

To answer the questions we have analyzed the projects "Trekroner Art Plan Project" and "Evolutionary Housing Strategy", proving that public space is, also, a set of meanings and socio-cultural contextualization that allow contact between human being and space, mediating and responding to different types of living.

KEYWORDS. Public Space, Crisis, Memory, Identity, Relational.

Filomena Nascimento*

*CIAUD, FA, UNIV TECN, LISBOA.

6 UNIV. TECN. Lisboa. P. 1349055, Portugal, filomenascimento@gmail.com

Espaço público. Crise, memória e identidade.

O espaço construído de uma cidade não se resume a um conjunto onde edificado e programas funcionais se cruzam. Este é também o palco de inúmeras actividades culturais, sociais, políticas e económicas que geram tensões e sinergias, criando diversas potencialidades de vivência e de apropriação espacial. A área física de uma cidade é ainda um conjunto de elementos simbólicos e de práticas socioculturais que na sua grande maioria encontram expressão no espaço público (manifestações religiosas e políticas, paradas, festas tradicionais, arte pública), facilitando e estimulando a relação entre Ser Humano e espaço.

Por definição o espaço público é considerado aquele que “dentro do território urbano tradicional (especialmente nas cidades capitalistas, onde a presença do privado é predominante), seja de uso comum e posse colectiva (pertence ao poder público). A rua é considerado o espaço público por excelência” (BABYLON 9, 2011). Nas últimas décadas o significado de espaço público mudou. Nos nossos dias esta tipologia parece ter-se tornado menos eficaz enquanto palco de expressão sociocultural e política, quando comparado com há cinquenta anos como é possível ver em *Happy Cities and Public Happiness in Post-War Europe*. Levando-nos a crer que uma grande parte do que, por definição, é considerado espaço público está em crise. Contudo, esta questão deve-se a um vasto e complexo conjunto de factores entre os quais se destacam a falta de planeamento do território onde “A administração pública, sobretudo a local, tem uma influência muito forte na estruturação do marco físico urbano, pois actua directamente sobre o espaço urbano, seja por aprovação, aplicação e defesa dos instrumentos de gestão urbanística, seja ao lado das actuações privadas. O que se passa é que essa colectividade é conduzida através de interesses próprios e da máxima rentabilização dos mesmos. Mesmo que os instrumentos de gestão territorial vigentes aparquem actuações que visem a sustentabilidade do espaço urbano, estes muitas vezes não são aplicados” (NARCISO, 2009. 271). À ausência de símbolos socioculturais com os quais as sociedades à escala local e global se identifiquem, fenómeno que em grande parte se deve à imigração e à globalização que contribuem para que as cidades sejam cada vez mais uma mescla cultural. O que se por um lado as enriquece por outro trás indivíduos que ao não se identificarem nem cultural, nem social e/ou religiosamente com os espaços públicos das cidades que os acolhem os negligenciam ou vandalizam levando, na maioria das vezes, ao seu abandono mesmo por parte dos cidadãos que anteriormente os frequentavam. Como refere Nuno Guerreiro de Almeida, em *Espaço Público e Cidade*, o espaço público não pode representar apenas o lado não construído das cidades, este deve funcionar como um suporte social onde são projectadas ideias políticas e culturais fundamentais para o equilíbrio do colectivo e para a criação e identificação de uma identidade social cuja introdução de símbolos, nestes espaços, com os quais exista uma maior identificação social e/ou cultural facilita esse processo. Neste âmbito teremos ainda de assinalar a constante mudança dos valores socioculturais, económicos e políticos que principalmente após o emergir da tecnologia e da *internet*, segundo Manuel Castells em *La Galaxia Interne*, alteraram radicalmente a forma como os indivíduos se relacionam tanto entre si como com o espaço, reflectindo-se, conseqüentemente, no espaço público das cidades “...vagando pelas ruas e praças as pessoas já não se relacionam entre si, em vez disso, optam por conversar com os seus amigos e colegas através de telefones moveis, gritando como se estivessem sozinhos.” (WAGENAAR, 2004. 15). Falamos de indivíduos que deixam de ter, unicamente, como premissa o suporte físico enquanto suporte vivencial. Sentados em nossas casas podemos viajar virtualmente pelas ruas de qualquer cidade, em última análise podemos ainda projectar para estas cidades (o caso particular dos concursos em Arquitectura),

sem nunca lá termos estado ou termos experienciado fisicamente as suas dimensões sócio espaciais e culturais, fundamentais para o desenvolvimento projectual. Tudo isto devido à informação que conseguimos obter a partir de programas como o *Google Earth*. É neste contexto que surgem duas questões: Poderá o espaço público físico, no mundo actual, ainda funcionar como tipologia central para fazer cidade e para fixar as populações? Actualmente será que o espaço público ainda representa um elemento fundamental para a construção de memória, equilíbrio e identidade colectiva?

Para responder à primeira questão utilizaremos como exemplo o projecto 'The TreKroner Art Plan Project', criado pela artista plástica e curadora Kerstin Bergendal. Este plano nasceu em 2001 sob a forma de reflexão teórica, escrita por Bergendal, como resposta à preocupação partilhada pela Danish National Arts Foundation (no início desse mesmo ano), sobre o contributo das Artes visuais para o acrescentar de uma identidade local dentro do território urbano. O pré-requisito para responder à questão prendia-se com um plano operacional (de teor teórico-prático), no qual deveria ser enquadrado uma área urbana fora de Roskilde representando, por isso, TreKroner o ponto de partida. Apoiada por uma equipa multidisciplinar composta por Artistas Plásticos, Arquitectos, Arquitectos Paisagistas, Urbanistas, Universidades, Museus, Escolas e a População local Kerstin Bergendal, traçou uma estratégia de intervenção que ao longo de 12 anos (2001 – 2013), se tem vindo a desenvolver a partir de três ângulos de intervenção diferentes, onde o crescimento urbano orgânico (ou seja não planeado), os vazios urbanos e a diversidade de ambientes foram as premissas a seguir. Para que a população, local, pode-se acompanhar o desenvolvimento projectual foi, ainda, criado um suporte informático através do qual esta podia participar de forma activa na construção de uma memória colectiva local.

Representando TreKroner uma área de tecido urbano fragmentado composto pela Universidade, campos de cultivo (alguns abandonados), e uma rede de acessos deficitários, a primeira estratégia de intervenção prendeu-se com a adição de pontos / zonas de diferença física urbana. Segundo Bergendal, uma das aptidões da arte é a leitura e a análise de um espaço físico tendo como consequência, quando assim se justifica, a produção de um complemento para esse mesmo espaço. Assim, para levar a cabo o Plano de Arte foram convidados Artistas Plásticos que em colaboração com Arquitectos, Arquitectos Paisagistas e Urbanistas realizaram os estudos prévios dos futuros planos de intervenção. Onde através da mancha foram definidos, tendo sempre em conta um elevado grau de elasticidade, as orientações escalas das futuras implantações/intervenções. Nos nossos dias este procedimento projectual pode parecer normal mas no momento em que foi posto em prática, 2001, era pioneiro no que diz respeito à colaboração entre Artistas Plásticos, Urbanistas e/ou Arquitectos para a definição de planos urbanísticos, principalmente na Dinamarca. Nos quais os Artistas Plásticos tinham como trabalho questionar vazios urbanos e distorcer perspectivas tradicionais de encarar o uso ou o planeamento do espaço. Ao questionarem o vazio entre os edifícios, nas passagens, nos subúrbios ou em áreas urbanas abandonadas concluíram que o "vazio" instalado nestas áreas funciona como heterotopia. Áreas urbanas cuja identidade ao ser apagada lhes permite funcionar como palco para o "não planeado" como por exemplo um jogo de futebol, uma performance ou uma exposição de Arte pública. Assim sendo, estas múltiplas camadas de uso espacial combinadas entre si contribuem para um discurso onde o uso do espaço público é privilegiado, assegurando a possibilidade de cultivar e (re) criar tradições e práticas sociais.

A segunda estratégia enfatiza trabalhos temporários de Arte projectados para as novas áreas urbanas ou para áreas já existentes, que ao privilegiarem o vazio anteriormente mencionado pretendem garantir e estimular o uso do "locus". Ou seja, os Artistas são convidados a elaborar Obras de Arte de carácter temporário,

contribuindo para a diversidade visual e dinâmica espacial, tendo como condição fundamental o reagirem directamente com a população e/ou com o lugar específico para o qual são criadas. Esta estratégia (renovada segundo períodos de tempo variáveis), pode ser entendida como o cultivo planeado de um discurso público local. Promovendo o espaço público como área física fundamental para a extensão da vida social da e na cidade. Ao mesmo tempo que alerta para a importância e potencialidade destes espaços, por vezes tratados como espaços sobranceiros, e que em conjunto com outras disciplinas (Arquitectura, Urbanismo), contribuem para a construção de uma identidade local, para além de representarem uma peça chave na revitalização e construção dos tecidos urbanos.

A terceira fase "A Caixa de Memórias" representa uma plataforma virtual que permite à população local construir uma colecção de memórias colectivas locais (através de fotografias, vídeos, desenhos, textos e depoimentos). Renovando a história sobre o lugar e fazendo a ponte entre o que TreKroner foi e o que actualmente é, processo fundamental para mobilizar as entidades governamentais locais à renovação de outras áreas urbanas de Roskilde. O desenvolvimento do plano tem gerado material de uma enorme riqueza, dando origem a diversas exposições o que por sua vez contribui para incrementar o orgulho colectivo e sentimento de pertença ao lugar por parte da população. Durante estes onze anos, para além das Obras de Arte temporárias, organizaram-se ainda seminários, dias de actividades e visitas guiadas às novas áreas urbanas, gerando efeitos positivos sobre os planos urbanísticos existentes (cuja actual renovação envolve Urbanistas, Políticos e a População Local), e nas redes e dinâmicas sociais de Roskilde, onde se verificou um aumento de pessoas que actualmente utilizam o espaço público e o acréscimo do Turismo, gerando novos e mais postos de trabalho estimulando e facilitando a fixação de pessoas nas novas áreas urbanas.

A segunda questão (Presentemente será que o espaço público ainda representa um elemento fundamental para a construção de memória, equilíbrio e identidade colectiva?), encontrou resposta no projecto "Estratégia para Habitação Evolutiva", liderado pelo Arquitecto Filipe Balestra e Sara Goransson. Os projectistas tinham com desafio responder às necessidades sócio espaciais dos moradores dos bairros de lata das cidades de Pune e Bombaim (Índia), onde a falta de infra-estruturas não garantia as condições mínimas de habitabilidade. O projecto deveria construir um novo lugar, dentro do existente, no qual animais (galinhas, vacas, porcos), trazidos pelas pessoas do campo que imigram para a cidade, e que por falta de recursos financeiros se instalaram nestas áreas, eram guardados na rua ou no interior das habitações, diminuindo a salubridade nos espaços públicos. Usados como "arrumos" e dos quais os residentes se apropriaram, tendo como consequência o desordenamento territorial nestas áreas. As famílias sem instalações sanitárias dentro de casa têm que usar as casas de banho comunitárias ou a rua para fazerem a sua higiene diária, uma vez que dentro das casas não existe nem espaço nem condições. A água é aquecida no lume, aceso com ramos secos e lixo recolhidos nas ruas, serve para as pessoas cozinharem e lavam a roupa no chão em frente às casas. Este é o contexto para o qual se pretendia uma nova imagem construída capaz de se adaptar às exigências dos nossos dias, preservando as características visuais do espaço existente, principalmente do ponto de vista cromático e da escala a que as comunidades locais estavam habituadas. A protecção destas características físicas do espaço é, também, o indicador de uma cultura, identidade e memória local fundamental para o desenvolvimento relacional das comunidades com o espaço, facilitando o processo de adaptação e de apropriação das novas áreas construídas.

A proposta projectual desenvolvida por uma equipa multidisciplinar (Arquitectos, Engenheiros, um Paisagista, um Gráfico, População Local, Políticos das comunidades e Estado), teve desde a Fase de Levantamento do Lugar, a nova

aldeia urbana como um todo, o que anteriormente não se verificava. Onde surgiriam mais e novos espaços abertos funcionando como elementos de descompressão/união urbana, ou ainda para que ruas demasiado estreitas pudessem ser alargadas. Ajudando a que os fluxos motorizados, pedonais e do gado se tornassem mais fluidos, aumentando a qualidade dos espaços públicos. Desde a Fase de Levantamento e Reconhecimento do Lugar o desenvolvimento projectual deveu-se ao reconhecimento presencial do lugar, traduzido em longas caminhadas pelas ruas de Pune e de Bombaim, à permanência da Equipa Projectista no lugar e a um processo participativo onde inúmeras reuniões e *workshops* com os moradores e políticos das comunidades locais tiveram lugar. E onde foram formuladas, desenvolvidas e aprovadas ideias para a futura intervenção, corporizadas atreves de desenhos em perspectiva e maquetas. Depois do inicio deste processo o governo central da Índia lançou uma bolsa denominada *Basic Services for the Urban Poor* (BSUP, da qual o projecto beneficiou), com o objectivo de apoiar a reabilitação *in situ* dos bairros de lata localizados dentro das cidades, em terrenos estatais. Comprometendo-se a fornecer serviços básicos como água, esgotos e drenagem de água da chuva. Com esta iniciativa o objectivo do governo, e dos projectistas, é o de melhorar os bairros de lata por forma a que estes possam ser aceites como bairros normalizados e permanentes dentro do território urbano. Intuito reforçado pelas mulheres líderes comunitárias do grupo *Mahila Milan*, através das acções de informação, sobre esta bolsa estatal, e *workshops* de Arquitectura onde ensinaram métodos de construção aos moradores, que também participaram activamente na construção do novo lugar.

A intervenção envolveu ainda o interior das casas desenvolvidas segundo três tipologias, baseadas nas necessidades espaciais da população e nas tipologias existentes. Nestes bairros as casas tradicionais são denominadas de *Kacchas* (casas temporárias de estrutura frágil, construídas com chapas metálicas caracterizadas pela falta de iluminação, de ventilação, de isolamento térmico de casa de banho, de água e de espaço), ou de *Puccas* (construídas com betão armado e tijolos de boa qualidade e que ocasionalmente podem ter casa de banho e cozinha). As casas desenvolvidas pela equipa de projecto e que representam a tipologia A são constituídas por dois pisos, com estrutura preparada para receber um terceiro, permitindo à família aumentar verticalmente um andar sem risco de colapso. A tipologia B é uma casa de três pisos na qual o rés-do-chão está vazio, permitindo à família utilizá-lo para guardar animais, como garagem, como lavandaria ou podendo ainda ser fechado dando lugar a uma loja ou a mais um quarto. Na casa C, uma estrutura com três pisos, o vazio está localizado no segundo andar servindo de varanda social, oficina ou espaço para secar roupa até a família, se assim necessitar, o fechar e o transformar em mais um quarto ou sala. Espaços multifuncionais que através da análise do contexto sociocultural e espacial permitiram renovar estes tecidos urbanos, transformando lugares estanques, isolados do resto da cidade, e da vida que nela se desenvolve, em lugares permeáveis integrados numa malha sócio espacial mais extensa. Um novo lugar, capaz de melhorar a condição de vida dos residentes e de se ajustar às necessidades dos nossos dias (telefone, luz, esgotos, *internet* e água canalizada), sem perder as características físicas que o caracterizam. Preservadas devido à sua importância sociocultural, relacionada com a necessidade de reter a memória colectiva local e com a afirmação de uma identidade social.

Assim, através dos projectos "Trekroner Art Plan Project" e "Estratégia para Habitação Evolutiva", observamos que independentemente de estes se terem realizado em contextos socioculturais e económicos diferentes (Roskilde na Dinamarca e Pune e Bombaim na Índia), a importância do espaço público enquanto elemento promotor e central para a revitalização dos tecidos urbanos e para a vida das e nas cidades, onde memória e identidade social se revelaram elementos

fundamentais para o equilíbrio das comunidades, é o denominador comum. A cidade, nomeadamente o espaço público, independentemente do seu lado construído também é uma estrutura simbólica, um conjunto de significados e de contextualizações socioculturais que permitem o contacto entre Ser humano e espaço que desempenha um papel fundamental na articulação do todo. Para que estas contextualizações possam ser entendidas e integradas nos projectos de Arquitectura e Urbanismo, como foi o caso do projecto "Estratégia para Habitação Colectiva", é essencial encontrar pontos de contacto entre elas. Onde o espaço público representa o seu lado visível, mediando e respondendo a diferentes modos de viver e apropriações espaciais. Contribuindo para paisagens mais humanizadas, com as quais existe maior identificação cultural e social por parte das populações, tanto a uma escala local como a uma escala global. Estimulando o uso dos vários espaços que constituem cidade, evitando que estas se transformem em lugares estanques, estigmatizados, com um prazo de vida curto convertidos em meros pedaços de território construído.

Referências

ALMEIDA, Nuno Guerreiro de. *Espaço Público e Cidade*. Arquitectura e vida: 28 a 30, Julho/Agosto, 2004.

BALESTRA, Filipe, *Estratégia para Habitação Evolutiva*,

<http://www.archdaily.com/21465/incremental-housing-strategy-in-india-filipe-balestra-sara-goransson/>, [12.01.2012].

http://www.artecapital.net/arg_des.php?ref=53, [12.01.2012].

<http://www.dezeen.com/2009/05/05/incremental-housing-strategy-by-filipe-balestra-and-sara-goransson/>, [15.12.2011].

<http://www.urbanouveau.com/>, [15.12.2011].

BERGENDAL, Kerstin, *TreKroner Art Plan*,

<http://urban-matters.org/projectsbyindividuals/the-trekroner-art-plan-project>, [03.03.2012].

CASTELLS, Manuel de. *La Galáxia Internet*, areté, Plaza & Janés Editores S.A., 2001.

Dicionário Babylon 9,

http://dicionario.babylon.com/esp%C3%A7o_p%C3%BAblico/, [10.11.2011].

NARCIZO, Carla Alexandra Filipe. *Espaço Público: Acção Política e Práticas de Apropriação. Conceito e Procedências*, artigo, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, departamento de Geografia, 2009. "...Roaming through streets and squares, people no longer relate to each other, instead, they chat with their friends and colleagues, shouting to their cell phones as if they were alone."

WAGENAAR, Cor. (ed.), *Happy Cities and Public Happiness in Post-War Europe*, NAI publishers, Rotterdam, 2004.

Biografia

F.N. finaliza em 2005 a Licenciatura em Arquitectura (Recuperação Arquitectónica e Urbanística), pela Universidade de Artes e Arquitectura Lusíada do Porto (Portugal). Desde então trabalhou em Itália, Espanha e Portugal, onde colaborou com diversos Ateliês de Arquitectura. Em 2011, finaliza o Mestrado em "Arte e Design para o Espaço Público", pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e nesse mesmo ano ingressa no Doutoramento em Arquitectura, actualmente a frequentar na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Para além de diversos projectos de Arte Pública, desde 2011 coordena o projecto de investigação Da Desumanização Da Paisagem Construída.